

A universidade como “máquina de moer gente”: pistas para compreender o mal-estar e promover saúde no ensino superior

*Amanda de Mello Martins*¹

*Arthur Silva Araújo*²

*Igor Corrêa Perreira*³

*Luciana Francisca de Oliveira*⁴

*Maura Jeisper Ferandes Vieira*⁵

*Cristianne Maria Famer Rocha*⁶

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: Este ensaio busca compreender o mal-estar nas universidades contemporâneas e descrever algumas possibilidades de promover saúde nos ambientes acadêmicos. Trata-se de ensaio descritivo reflexivo, a partir de pesquisa documental. O estudo analisa como a racionalidade neoliberal adentra as universidades, reduzindo o valor do ensino superior, enfraquecendo laços de cooperação e produzindo sofrimento. Apresenta também estratégias desenvolvidas que visam fortalecer práticas coletivas para construir um ambiente acadêmico mais saudável e acolhedor.

Palavras-chave: universidades; educação superior; saúde mental; neoliberalismo.

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Doutorando em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente, exerce a função de vice pró-reitor de Assuntos Estudantis na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴ Doutoranda em Psicologia e mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁵ Doutoranda em Educação e mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁶ Doutora em Educação, professora associada IV da Escola de Enfermagem e de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

The university as a machine for grinding people:

keys to understanding discomfort and promoting health
in Higher Education

Abstract: This essay seeks to understand malaise in contemporary universities and to describe some possibilities for promoting health in academic environments. It is a descriptive reflective essay based on documentary research. The study analyzes how neoliberal rationality enters universities, reducing the value of higher education, weakening bonds of cooperation and producing suffering. It also presents strategies developed to strengthen collective practices in order to build a healthier and more welcoming academic environment.

Keywords: universities; higher education; mental health; neoliberalism.

La Universidad como máquina de moler a las personas:

claves para entender el malestar y
promover la salud en la Educación Superior

Resumen: Este ensayo pretende comprender el malestar en las universidades contemporáneas y describir algunas posibilidades de promover la salud en los entornos académicos. Se trata de un ensayo reflexivo descriptivo basado en una investigación documental. El estudio analiza cómo la racionalidad neoliberal entra en las universidades, reduciendo el valor de la educación superior, debilitando los lazos de cooperación y produciendo sufrimiento. También presenta estrategias desarrolladas para fortalecer las prácticas colectivas con el fin de construir un entorno académico más saludable y acogedor.

Palabras clave: universidades; educación superior; salud mental; neoliberalismo.

***E**m 2014, tivemos a notícia de que uma aluna havia cometido suicídio num final de semana, longe das dependências da nossa universidade. Parecia, então, ser um fato isolado. Na época, ficamos todos muito consternados, mas sem saber exatamente o que fazer, como agir. Além disso, naquele tempo ainda, se tinha a ideia de que não se deveria falar sobre o assunto, a fim de evitar que outras pessoas fizessem uso das mesmas práticas para dar fim a suas vidas. Um pouco depois, um professor vem até a coordenação do curso, preocupado, porque uma aluna, depois de muitas faltas, consegue enviar um e-mail dizendo que não está bem, que vem tendo muita dificuldade de comparecer às aulas em razão de sintomas de depressão e apresenta laudo médico para saber como abonar as faltas, diante de sua situação. O professor queria saber como agir, qual era a orientação da universidade e se, com aquele documento, a aluna conseguiria abonar as faltas. Eram perguntas para as quais não se tinham respostas, mas que nos mobiliza(ra)m sobre as questões de saúde que estão para além de um atestado e nos fazem pensar sobre como acolher estudantes em sofrimento psíquico dentro das universidades.⁷*

Iniciamos este texto com o relato acima porque ele nos incita a pensar que o ingresso na universidade pode ter diferentes significados na vida dos estudantes, sendo, para muitos, a realização de um sonho ou a possibilidade de melhores condições de vida. No entanto, pesquisas mostram, como a realizada pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE) e pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), com 424.128 estudantes universitários, um aumento de dificuldades emocionais que se expressam em sentimentos de desamparo, tristeza permanente, ansiedade e ideação suicida (FONAPRACE e ANDIFES, 2019).

A experiência acadêmica pode ser muito diferente das expectativas prévias a respeito do que é estar em uma universidade, com seus níveis altos de exigência e sua meta de excelentes resultados, levando os estudantes – e também os docentes – a situações bastante desafiadoras que resultam, em muitos casos, em sentimentos de fracasso e frustração.

Embora o sofrimento mental seja concebido como um problema próprio da vida humana, as manifestações do mal-estar na contemporaneidade vêm se delineando segundo o contexto em que vivemos, marcados pelas práticas neoliberais que se reproduzem nos ambientes acadêmicos e neles repercutem por meio do produtivismo acadêmico⁸ que está baseado na entrega de diversos trabalhos, artigos, provas que visam manter um considerado “nível de excelência”. A universidade está marcada por esta lógica da produtividade, inclusive o adoecimento pode ser visto como um problema, não pelo fato de o sujeito não estar bem, mas porque isso o torna menos produtivo e “atrapalha” seu desempenho acadêmico, o que reverbera consequentemente nas metas de “excelência” da universidade.

Desse modo, inventa-se uma nova forma de controle dos sujeitos mediada pelo fator de desempenho, em consonância com o pensamento do filósofo sul-coreano Byung Chul Han (2017: 23, grifos do original), que indica:

⁷ Relato de uma servidora que trabalha no acompanhamento pedagógico de estudantes universitários.

⁸ Sobre o produtivismo acadêmico, sugerimos a leitura do dossiê do *Cadernos de Pesquisa*, 45 (158), publicado em 2015, disponível na íntegra em: <https://www.scielo.br/j/cp/i/2015.v45n158/>.

a sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade do desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais 'sujeitos da obediência', mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos.

Nesse sentido, emerge uma sociedade do cansaço onde “as doenças neuronais como depressão, déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de Personalidade Limitrofe (TPL) ou Síndrome de Burnout determinam a paisagem patológica do começo do século XXI” (HAN, 2017: 7-8).

Tal como indica o relato apresentado na epígrafe desse texto, nos parece que novas e preocupantes situações vêm se sobressaindo no contexto universitário o que nos instiga a compreender um pouco mais e, quiçá, poder coletivamente pensar em formas de mitigar o mal-estar que parece estar instalado nas universidades.

Nesse texto, pretendemos compreender algumas das raízes do mal-estar nas universidades contemporâneas, especialmente sob a influência do neoliberalismo, e descrever algumas das estratégias utilizadas para a promoção da saúde, em particular a saúde mental dos envolvidos nesse contexto. Para tal, foi preciso ajustar as lentes para lançar um olhar crítico-reflexivo a partir de algumas experiências realizadas e as reverberações do contemporâneo, como o neoliberalismo, e o impacto dessas articulações na saúde mental dos sujeitos que, de algum modo, estão inseridos no contexto universitário. Para tanto, realizamos um ensaio descritivo reflexivo, no qual foram utilizados artigos científicos, relatórios institucionais e análises teóricas relacionadas ao tema do mal-estar nas universidades contemporâneas. Para os artigos científicos, foram utilizadas as bases de dados eletrônicas *Scopus* e *Google Acadêmico*, com a busca relacionada aos seguintes conceitos: "saúde mental universitária", "neoliberalismo na educação" e "condições de trabalho docente".

Seria o começo do fim das universidades?

Atualmente, o *status* da universidade como espaço de ascensão social vem decaindo, assim como uma percepção de menor valor da educação formal, principalmente pelos jovens, que avaliam que ter diploma já não garante posições destacadas, muito menos empregabilidade (FAGUNDEZ, 2016). Conforme matéria veiculada na *Forbes Brasil*, “em muitos setores, grandes empregadores, da Accenture⁹ à IBM e a governos, têm relaxado ou até removido totalmente os requisitos de diplomas para novos contratados” (MARR, 2023).

A falta de necessidade de diplomas universitários também pode ser constatada a partir de outro movimento: a “uberização” do trabalho, uma forma de aprofundamento da precarização do trabalho a partir do uso das plataformas digitais, como é o caso da Uber (VIEIRA, 2023). Se atualmente o engenheiro vira Uber, por que – e para quê – precisa de uma faculdade de Engenharia por, no mínimo, cinco anos? Essa problemática tem sido cada vez mais cotidiana, pois, segundo o *Portal G1*, “40% dos jovens no Brasil não têm trabalho qualificado” (LIMA e GERBELLI, 2020). Essa situação piorou ainda mais durante a pandemia, em que a taxa de desemprego entre os jovens, de 14 a 24 anos, atingiu a porcentagem de 27,8% de desempregados; a informalidade alcançou 55%; a expectativa por estabilidade de emprego e de salário caiu; e milhões de jovens foram submetidos a

⁹ Segundo a *Wikipedia*, a *Accenture* é uma empresa multinacional – a maior do mundo – de consultoria de gestão, tecnologia de informação e estratégia digital (ACCENTURE, 2023).

atividades com maior taxa de exploração, como é o caso dos trabalhos platformizados, como as entregas de *delivery* que teve aumento de demanda exacerbado durante a pandemia (LIMA e GERBELLI, 2020).

Situações como essas legitimam um certo desinteresse no ensino superior, evidenciado pela diminuição do número de inscritos para os vestibulares e para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)¹⁰ e o aprofundamento disso em cursos noturnos e a distância que, na maioria das vezes, são ocupados por alunos trabalhadores e/ou mais vulneráveis economicamente. Dos cerca de 22 mil candidatos inscritos no concurso vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 2023, quase 40% buscam Medicina ou Direito (UFRGS, 2023)¹¹.

O acirramento da disputa nesses cursos está diretamente relacionado ao fato de que essas profissões têm prestígio econômico e social e o diploma é ainda requisito para o exercício profissional. Todavia, é possível notar uma brutal desigualdade, enquanto dois cursos têm um percentual elevadíssimo de candidatos, há três ou quatro Engenharias – que também exigem o diploma para o exercício profissional – com densidade de menos de um candidato por vaga.

Observa-se também, na UFRGS, no concurso vestibular de 2023, a baixíssima procura por licenciaturas que, talvez, esteja associada à – sempre maior – precarização do trabalho docente (VIEIRA, 2023). Uma pesquisa realizada pela entidade que representa mantenedoras do ensino superior do Brasil (INSTITUTO SEMESP, 2022) demonstrou um possível “apagão docente”, onde o déficit de professores no Brasil poderá chegar a 235 mil até 2040. Além dos baixos salários, um outro aspecto nos pareceu relevante na pesquisa, a fragilidade da saúde mental dos professores – que já estava no limite – parece ter sido agravada após a pandemia de Covid-19. A classe trabalhadora docente é a que mais sofre de Burnout – esgotamento físico e mental – e esse tem sido o maior motivo de afastamento do trabalho (INSTITUTO SEMESP, 2022).

A Covid-19 também impactou nas condições e perspectivas de trabalho que repercutiram diretamente nas condições de estudo. Dados do relatório *Juventude e pandemia da Covid-19*, produzido pelo Atlas da Juventude, revelam que 65% dos jovens disseram ter aprendido menos com o ensino remoto (SANTOS e RATIER, 2023). Apesar de seus esforços para continuar os estudos e a capacitação, metade destes jovens acreditava que a conclusão dos estudos atrasaria e 9% afirmaram que poderiam abandonar os estudos definitivamente (SANTOS e RATIER, 2023). Entre as principais razões para essa defasagem, estava a falta de acesso às tecnologias necessárias para o ensino remoto. Tal situação se refletiu na saúde mental da população jovem, pois metade dessa população está mais propensa a sofrer de ansiedade ou depressão, enquanto outros 17% provavelmente passaram a sofrer destes problemas (SANTOS e RATIER, 2023).

A percepção do acesso a empregos e salários no início da carreira podem influenciar a decisão pelo curso. Na Medicina, por exemplo, há oportunidades de emprego imediatas e com salários elevados para a média salarial brasileira¹².

Em contrapartida, nos cursos de Estatística e Ciências Atuariais, por exemplo, que teve (e, geralmente, tem) uma densidade de candidatos por vaga muito

¹⁰ Embora, em 2023, o número de inscritos para o Enem tenha aumentado em relação a 2022 (3.933.970 e 3.409.682, respectivamente), o número de inscritos diminuiu muito em relação ao período de 2014 a 2016, em que atingia mais de oito milhões de estudantes (SANTOS, 2023).

¹¹ É possível perceber que o fenômeno se repete no concurso vestibular de 2024 da UFRGS, aumentando esse percentual para mais 40% de candidatos inscritos para os cursos de Medicina e Direito.

¹² Segundo Carvalho (2023), o rendimento médio do brasileiro, em setembro de 2023, foi de R\$ 3.059,00. Segundo o relatório sobre a demografia médica no Brasil, publicada pela Associação Médica Brasileira (AMB), a renda média mensal dos médicos, em 2020, foi de R\$ 30.100,00 (SCHEFFER *et al.*, 2023).

baixa, no concurso vestibular (UFRGS, 2023), os estudantes saem efetivados em seus empregos. E, segundo dados do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), publicados por Diego Mendes (2023) na CNN, essas são as profissões com o segundo melhor salário médio do país, perdendo apenas para a Medicina (MENDES, 2023). Mas isso não melhora a procura; dados do Censo da Educação de 2021, analisados pelo Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo (INSTITUTO SEMESP, 2023) mostram uma queda no número de matrículas na rede pública e em cursos presenciais. Segundo o referido Instituto (2023: 6),

depois de um crescimento irrisório de apenas 0,9% das matrículas de 2019 para 2020, 2021 voltou a apresentar um aumento significativo, ainda que pequeno, de 3,5%. Mais uma vez, a rede pública teve déficit de mais de 6,0% nas matrículas, enquanto a rede privada teve crescimento de 2,7% no total de alunos. A rede privada segue concentrando as matrículas do ensino superior, 76,9% do número de estudantes.

Em compensação, cursos à distância tiveram um aumento e seguem crescendo mesmo após a pandemia (INSTITUTO SEMESP, 2023). Um dos fatores que pode explicar esse fenômeno é a mensalidade baixa, e muitas vezes a oferta de horários flexíveis de estudos que podem ser realizados a qualquer hora do dia. Isso também acaba desestimulando o ingresso em cursos presenciais, pois se torna mais acessível, tanto em relação ao tempo para deslocamentos quanto em relação aos recursos financeiros empregados. Em Porto Alegre, tivemos ainda o término do benefício da passagem escolar para todos os estudantes, com a sanção da Lei 12.944, de 30 de dezembro de 2021, que restringe a meia passagem ou a sua gratuidade apenas aos residentes da citada capital com renda familiar *per capita* não superior a R\$ 1.650,00 (PORTO ALEGRE, 2021).

Outro aspecto a considerar é aquele relacionado ao crescimento econômico do país como um todo, pois, conforme reportagem veiculada no *Jornal da USP*, “quando um engenheiro trabalha como Uber, é preciso melhorar a economia e não fechar universidades” (RIBEIRO, 2021: 1). Segundo o autor,

em 2002, o Brasil tinha cerca de 3 milhões de alunos no ensino superior e, em 2016, esse número era de cerca de 8,5 milhões. Um aumento aproximado de 10% para mais de 20% de jovens entre 18 e 24 anos no ensino superior, nesse período (RIBEIRO, 2021:1).

Afinal, a universidade faz parte de um grande ecossistema, que engloba fatores econômicos, sociais, políticos e culturais e muitos são os argumentos a respeito da percepção da empregabilidade, ao final da graduação, que giram em torno da flutuação do mercado e da geração de empregos por parte dos setores públicos e privados. Neste complexo ecossistema, qualquer tendência totalizante pode levar ao desmoronamento do sistema educacional em nosso país. Logo, voltando à pergunta que se apresenta como título desta seção, seria o começo do fim das universidades? Nos parece que não será o fim das universidades, mas é um bom momento para pensarmos sobre qual universidade queremos e quais são os sujeitos forçados por ela.

Capital humano fictício ou o ouro de tolo neoliberal¹³

A era que fabrica homens endividados, como indica Maurizio Lazzarato (2017), é a era da hegemonia do capital financeiro e fictício e que produz efeitos nas pessoas. Ao mesmo tempo que este momento econômico – de endividamento e financeirização – desloca as sociedades e nações para uma perspectiva pós-industrial, onde a formação universitária seria o passaporte para a realização do tão esperado sucesso, sem o qual não se pode sequer esperar estima social, ele produz consequências e efeitos – em sua maioria, mazelas – que resultam em frustração, adoecimento e sofrimento.

O Brasil e outros países da América Latina perseguiram o que recomendavam as diretrizes de ampliação da formação universitária de suas populações. A Argentina inclusive foi mais eficiente que o Brasil nesse quesito e está entre os quatro países da América do Sul que tem 80% da população entre 18 e 24 anos de idade frequentando instituições de ensino superior (BENEITONE, 2021). Isso trouxe sucesso e percepção de bem-estar para sua população? Os recentes acontecimentos políticos e os dados econômicos indicam o oposto: uma profunda crise econômica que joga na pobreza mais de 40% dos argentinos (O GLOBO, 2024) e leva um candidato com discurso ultraliberal a ser eleito presidente, repetindo padrões de polarização política que podem ser encontrados no Brasil e em outras democracias do Ocidente.

À sua maneira, o Brasil também avançou rumo ao horizonte perseguido de uma população com maior formação universitária. Ao lado de Guatemala, o país lidera a lista das nações da região que mais expandiram o ensino superior: foram 220% de crescimento das matrículas em Instituições de Ensino Superior, entre 2000 e 2019 (BENEITONE, 2021). O momento atual – de certa retração, como indicado antes – seria uma ressaca dessa onda de expansão? Por outro lado, como explicar que tal aumento não resultou em ampliação de empregos de qualidade? Uma resposta possível poderá vir de uma análise a respeito do modelo econômico adotado, pois a racionalidade neoliberal mobiliza corpos, populações e nações para uma corrida meritocrática (SANDEL, 2020), mas, ao final da jornada, descobre-se que a educação por si só não traz desenvolvimento econômico (Gala, 2019).

O economista Paulo Gala (EDUCAÇÃO ..., 2019) avalia que a expansão do ensino superior infelizmente não foi acompanhada por melhorias no setor produtivo. Ele argumenta que somente a expansão do ensino superior não é suficiente para resultar em desenvolvimento econômico. Para que esse desenvolvimento ocorra, o conhecimento acumulado por uma sociedade precisa se traduzir na capacidade de produzir bens e serviços complexos, que é justamente a capacidade de inovação, muito prestigiada e pouco conhecida. Pois, de que adianta formar engenheiros, se eles não podem produzir casas ou carros ou outros bens? Se não temos indústrias que consigam absorver essa mão de obra qualificada, ela será formada ou para atender outros países, quando estes diplomados conseguem oportunidades no exterior, ou será subaproveitada em atividades que não precisam dessa formação.

A desindustrialização do país tem sido criticada por centrais sindicais (CUT, 2021), pois o país, entre 2015 e 2020, perdeu quase metade da sua participação

¹³ A expressão “ouro de tolo” foi popularizada a partir da corrida do ouro que ocorreu no sul da Califórnia na década de 40 do século 19, segundo informa Edson França (2022). O ouro de tolo é um metal que parece precioso, mas não é. O ouro de tolo neste caso é o diploma do ensino superior.

na industrialização mundial (INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL, 2021). O atual Ministro da Indústria e Comércio, Geraldo Alckmin, reconheceu esse fato recentemente (BRASIL ..., 2023). E a Ministra da Ciência e Tecnologia, Luciana Santos, em visita para fechar acordo de cooperação com o Vietnã, destacou a reativação do Centro Nacional de Tecnologia Eletrônica Avançada (CEITEC), como parte de um esforço de superação do atraso produtivo do país (BRITO, 2023). Estes são sinais de que o atual governo federal reconhece o problema, indicando que é o emprego industrial que pode absorver a mão de obra formada em nossas universidades. Mesmo no auge do processo de retomada do emprego, entre 2003 e 2010, a geração de empregos se deu no setor de serviços de baixa complexidade, com baixa remuneração, segundo analisa o ex-ministro de Ciência e Tecnologia Aldo Rebelo. Neste mesmo período, perdemos quatro milhões de empregos industriais (ALDO ..., 2023). Como podemos imaginar que vamos absorver adequadamente mão de obra qualificada com essa desestruturação?

A atual crise das universidades – baixo investimento, evasão, menor número de matrículas, entre outras mazelas – talvez seja consequência das promessas não realizadas do neoliberalismo. As nações, populações e indivíduos foram convocados a um investimento na formação, na perspectiva de valorização do capital humano, com a promessa de sucesso. Mas, o retorno desse esforço sugere que o capital humano valorizado pelo estudo é fictício e volátil, pois as economias neoliberais não produzem os empregos capazes de absorver essa mão de obra qualificada. Dessa forma, a corrida em busca das conquistas profissionais, decorrentes de um diploma universitário parece se assemelhar à “corrida pelo ouro” que, para muitos, se revela falsa, pois frustra, deprime e adoece aqueles que descobrem a farsa das lendárias facilidades, ao fim de uma árdua jornada.

Sobre a “máquina de moer gente”

O ambiente de pressão constante, onde tudo que é feito é medido, quantificado e registrado e será usado futuramente para fins avaliativos, conduzem à ansiedade, às doenças e às tensões. Não é por acaso que muitos estudantes com os quais convivi, durante meu percurso na universidade, dizem que ela se transformou numa “máquina de moer gente” (MAIA, 2022: 127).

O pesquisador Heribaldo Maia (2022) traz alguns apontamentos sobre o mal-estar nas universidades, tais como as constantes queixas de cansaço, desistências e o famigerado conceito de que a universidade é como uma “máquina de moer gente”. Tal conceito evidencia que o cansaço precisa ser entendido dentro de um contexto, o que torna ainda mais importante essa discussão. Além disso, predominam nas universidades um paradigma biológico e individualizante do sofrimento psíquico, que entende a experiência como algo vivenciado estritamente na esfera privada, e pouco se fala sobre as questões sociais – o outro, o mundo – que interferem no sofrimento individual.

Entretanto, o sofrimento demanda uma relação dialógica, ou seja, o indivíduo necessita contar a alguém que possa reconhecer a existência do sofrimento e o seu contexto. Contudo, a experiência nos mostra que o sofrimento muitas vezes é negado ou silenciado ou, pior, desconsiderado. Assim, a narrativa do sofrimento depende de um reconhecimento, possível ou não de acontecer, a depender de como e quem o enuncia e de qual grupo social ele pertence.

O silenciamento e a falta de implicação das pessoas que constituem a universidade, diante do sofrimento psíquico de estudantes, docentes e técnicos, é prática recorrente, bem como o entendimento de que os problemas de saúde mental são de ordem individual e resolvem-se com psicoterapia e fármacos (MAIA, 2022). O problema é essa visão que medicaliza a vida, “individualiza e despolitiza o que é comum e coletivo. Tenta resolver através do diagnóstico e da medicação o que exigiria uma transformação social das estruturas sociais” (FERNÁNDEZ-SAVATER, 2024). Estruturas essas que em determinados períodos históricos produzem certos tipos de sofrimento e modos de produção coletiva da vida (ou de reações aos sofrimentos produzidos).

O desmonte do Estado de bem-estar social e a crise no mundo do trabalho, tendo a flexibilização como modelo no qual se individualiza o percurso de cada trabalhador, desonerando o Estado acerca do problema do desemprego, estimula a competição e a cultura do “todos contra todos” e assim, sucesso e fracasso, neste caso, dependem exclusivamente do indivíduo.

No neoliberalismo, impera a cultura do “seja você mesmo”, calcada no conceito de liberdade, que passa a ser mediada pelo mercado, ou seja, “seja o que você quiser, desde que compre”. Em outras palavras, não há uma interdição do desejo, pelo contrário, há um estímulo para que o sujeito seja o que ele quiser, o que necessariamente produz indivíduos constantemente frustrados com a autoimagem e, por consequência, um consumo obstinado.

Com as reformas do Estado, realizadas sob a égide da racionalidade neoliberal, as lógicas de governança empresarial passaram a dominar também o campo da Educação. A “entrada da lógica produtivista no ensino superior é apenas mais uma expressão da ubiquidade do modelo neoliberal, engendrando modos de subjetivação e capturas em espaços que deveriam resguardar suas possibilidades de resistência” (MAURENTE, 2019: 2).

Há uma disputa de todos contra todos e uma produção incessante de pesquisas, artigos, relatórios, documentos, que dão uma sensação de que se está sempre ficando para trás. O que foi produzido há quatro anos – graças aos ciclos contínuos de avaliação – já não significam mais nada e é preciso manter sempre a produção em alta. E isto vale tanto para o docente quanto para os estudantes, ainda que, para os docentes, seja parte do próprio trabalho, enquanto que para os estudantes “ninguém o está obrigando”. Mas, se ele faz parte de um Programa de Pós-Graduação (PPG), por exemplo, sua produção (assim como a produção docente) será considerada para a obtenção de notas maiores na avaliação quadrienal e, quem produz mais terá mais recursos para seguir na máquina de produção.

Para Maurente (2019: 2), nesta lógica

avaliam-se pessoas e programas de pós-graduação do mesmo modo que se avaliam produtos e serviços, transformando multifacetados contextos de trabalho em pontuações objetivas a serem utilizadas para hierarquizar experiências.

Logo, o reconhecimento do sujeito passa a depender exclusivamente de sua produtividade e, com isso, vem a privatização do sofrimento e do estresse, que oculta do sujeito os conflitos subjacentes. Caso ele não consiga manter os níveis de produção desejados, há uma culpabilização da sua fraqueza, desconsiderando que é próprio da humanidade o tempo de descanso e de ócio para criar. Diferente da máquina, os humanos se nutrem da vida contemplativa para seguirem produzindo. Os resultados dessas práticas produtivistas – que esquecem o valor do

nada fazer, do descanso e da não produção – são sobrecarga de trabalho, sofrimento psíquico e competição exacerbada entre pesquisadores e comunidade acadêmica em geral (MAURENTE, 2019: 2).

No microcosmos neoliberal da universidade, a lógica perversa da produção contínua solicita: produza, seja feliz, invista em si mesmo. No entanto, a gratificação (quase) nunca vem, porque é preciso produzir sempre mais. Afinal, quando chegamos à felicidade de finalizar um produto, ele já não basta e logo perece. Pior: o indivíduo neoliberal precisa da comparação com os demais para entender qual o nível da sua necessária produtividade. E se, no comparativo, sua produção estiver abaixo daquela dos seus pares, deverá produzir mais, em um *looping* contínuo.

Possíveis estratégias de promoção de saúde nas universidades

Diante deste cenário, temos um desafio à escuta do mal-estar e do sofrimento: operar com a saúde mental neste contexto nos convoca a um saber-fazer político. A escuta requer empatia e ouvidos atentos – características um tanto reduzidas nas relações sociais da sociedade neoliberal – mas também nos convoca a pensar sobre a nossa responsabilidade frente à dimensão sociopolítica do mal-estar e do sofrimento.

Dois fenômenos sociais estreitamente ligados ao sofrimento psíquico, recorrentes na universidade, são o assédio moral e o suicídio. Ambos abordam temáticas sensíveis, permeadas por preconceitos e que foram investigadas na *V Pesquisa nacional de perfil socioeconômico e cultural dos(as) graduandos(as) das IFES*¹⁴: 2018 (V PESQUISA ..., 2019).

O assédio moral é um dos fatores que impacta diretamente a saúde mental, posto que se trata de relações de poder que se estabelecem na universidade. Na mencionada pesquisa (V PESQUISA ..., 2019), o tema foi incorporado pela primeira vez, revelando que 16,8% dos discentes se dizem vítimas de assédio moral. A agressão é direcionada predominantemente às mulheres, uma vez que “62,8% das vítimas são do sexo feminino e 36,6% do sexo masculino” (V PESQUISA ..., 2019: 175).

Uma das iniciativas para enfrentamento deste problema, conduzida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é o Núcleo AMPARE, criado por um coletivo de servidores e estudantes que resolveram pensar em uma política contra o assédio dentro da Universidade¹⁵. Apontam como caminho a desnaturalização do assédio e a construção de relações mais horizontais e saudáveis, uma vez que as hierarquias acadêmicas podem produzir múltiplas formas de violências.

Outro fenômeno que também acomete membros da comunidade acadêmica é o suicídio. Segundo a pesquisa mencionada acima (V PESQUISA ..., 2019: 230),

O percentual de estudantes que disseram conhecer alguma dificuldade emocional é de 83,5%. Ansiedade afeta 6 a cada 10 estudantes. Ideia de morte afeta 10,8% da população-alvo e pensamento suicida 8,5%. Relativamente à IV Pesquisa, o percentual de estudantes com ideação de morte era 6,1%, enquanto pensamento suicida afetava 4%. Está acesa a luz vermelha da atenção à saúde mental.

¹⁴ Instituições Federais de Ensino Superior (IFES).

¹⁵ Para conferir maiores informações a respeito do AMPARE, é possível acessar o site: <https://www.ufrgs.br/ampare/>.

Essa escalada de casos de suicídio – mas também de automutilação (MARTINS, 2023) – entre a população adolescente/jovem, nos mostra o quanto se faz necessário nos debruçarmos sobre o modo como as subjetividades vem se constituindo e quais ações que emergem para aplacar as diversas formas de adoecimento psíquico.

Assim, tornam-se fundamentais as redes de apoio, inclusive dentro das universidades, que acolham o sofrimento e fomentem espaços de fala/escuta, de afetações e apoio mútuos. Assim, é preciso questionar quais práticas a instituição dispõe para a escuta atenta, empática e acolhedora de sua comunidade acadêmica? Que mudanças no ambiente/estrutura/relações acadêmicas podem ocorrer para que os sentimentos de pertencimento e acolhimento prevaleçam nesta instituição muitas vezes hostil, competitiva e excludente?

A escuta e o acolhimento são ferramentas essenciais, tanto na prevenção como no manejo das situações que envolvem ideação, tentativa e suicídio, e que não devem se restringir unicamente a campanhas de prevenção em um determinado mês do ano, tal como no “Setembro Amarelo”, nem tampouco a um determinado campo de saber – psicológico e psiquiátrico. O mal-estar nas universidades deve ser pensado de forma ampla, discutido a partir de diferentes áreas do conhecimento, tais como a Filosofia, por exemplo, que pode colaborar com valiosas discussões sobre o sentido da vida e da experiência da reconexão e da vida em grupo.

A escuta e o acolhimento aproximam as pessoas, estabelecem conexões e vínculos, baseados na confiança e no respeito. A criação de vínculos sociais e de grupo pode ser uma estratégia importante para superar o sentimento de solidão e, com ele, afastar uma causa importante da ideação suicida (ASSIS *et al.*, 2021). A universidade deve ser um ambiente que incentive a formação de vínculos sociais significativos e saudáveis entre sua comunidade. E as ações de ensino, pesquisa e extensão devem incentivar mais a cooperação em grupo do que a competição de uns contra os outros.

Alguns servidores, docentes e estudantes na UFRGS manifestam preocupações com a saúde mental na Universidade. Entretanto, se evidencia uma demanda de encaminhamento de estudantes em sofrimento para tratamento ou para a escuta especializada, ou seja, para profissionais da área psi.

Uma iniciativa desenvolvida na UFRGS pela Divisão de Promoção de Saúde Discente (DPSD) foi realizar Formações em Saúde Mental¹⁶ dirigida à comunidade acadêmica – docentes e técnicos. Uma questão bastante recorrente neste público é “para onde/quem eu mando/encaminho o estudante em sofrimento psíquico?”.

Esta formação, intitulada “Estratégias de cuidado à saúde mental discente em contexto universitário: uma formação ligada ao Programa Saber Viver” busca justamente fomentar o diálogo sobre saúde mental na Universidade com toda a comunidade acadêmica, tendo como conteúdo programático temas como saúde mental e especificidades dos estudantes universitários, noções de primeiros cuidados psicológicos, onde buscar ajuda em situações de risco e, principalmente, formas de acolhimento e ferramentas de diálogo que incorporem as emoções ao processo formativo. Os encontros buscam, primordialmente, refletir sobre os aspectos produtores de saúde e de adoecimento na universidade e na sociedade,

¹⁶ A formação intitulada “Estratégias de cuidado à saúde mental discente em contexto universitário: uma formação ligada ao Programa Saber Viver” foi ofertada como capacitação para servidores e docentes na UFRGS, em 2023, em quatro edições.

bem como desenvolver na comunidade acadêmica a incorporação, em suas práticas de ensino e trabalho, uma postura de escuta e acolhimento mútuo.

É preciso um cuidado para não culpabilizar o servidor/docente/instituição unicamente pelo sofrimento estudantil, tampouco fazê-lo realizar um atendimento especializado. Porém, fomentar a discussão sobre saúde mental na universidade requer pensarmos sobre nossas práticas cotidianas e o quanto elas podem promover saúde ou sofrimento, sendo que estão entrelaçadas na lógica institucional e social e podem reproduzir as lógicas neoliberais a que estamos imersos. Quando encaminhamos um estudante para tratamento, o que muitas vezes se faz necessário, é preciso considerar que ele seguirá como estudante da instituição, por isto, é importante compreender sua problemática e acompanhá-lo em sua trajetória acadêmica.

A revisão sistemática, realizada por Sahão e Kienen (2021), mostra que mudanças na estrutura da universidade são formas de facilitar a adaptação do estudante ao ambiente acadêmico. E uma dessas mudanças se refere ao incentivo para a realização de atividades extracurriculares. Afinal,

explorar as oportunidades do ambiente acadêmico envolve a busca de informações sobre a realidade do trabalho e sobre a área de conhecimento, possibilitando uma maior clareza acerca das alternativas educacionais e profissionais existentes para o estudante. (SAHÃO e KIENEN, 2021: 8)

Outras possibilidades são atividades de lazer e práticas de promoção de saúde que, na lógica neoliberal, são vistas como perda de tempo, já que não produzem aquilo que se espera em uma sociedade produtivista.

A ideia de um professor-tutor ou um técnico em assuntos educacionais que possa acompanhar a turma de ingressantes, desde o início, pode fomentar a ideia de cuidado no grupo. Além disso, qualquer ação a ser desenvolvida requer o envolvimento dos estudantes – Diretórios e Centros Acadêmicos –, como é o caso da ação *PRAEscutar*, uma parceria entre a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) e o Centro dos Estudantes Universitários de Engenharia da UFRGS, que consiste em um espaço de escuta para que os estudantes possam compartilhar suas experiências, sentimentos e desafios durante a sua trajetória acadêmica. Outro exemplo de práticas que promovem saúde é o oferecimento de oficinas em que os próprios estudantes, a partir de suas habilidades e conhecimentos, desenvolvem atividades de lazer, cultura, arte, música, dança, etc.

Contudo, muitos desafios emergem no percurso destas práticas, tais como a baixa adesão às atividades não exclusivas de ensino e a preferência generalizada pelas aulas e trabalhos de forma remota e individual. Para provocar mudanças, a universidade precisa ser espaço de acolhimento dos conflitos e construir resistência à lógica neoliberal, através da oferta de espaços coletivos de convivência, acolhimento e promoção de saúde. Com isso, o fortalecimento dos coletivos pode encorajar as lutas coletivas, menos competitivas e individualizantes.

Como vimos, tanto o descrédito no Ensino Superior como o mal-estar nas universidades são questões que ultrapassam o escopo institucional, sendo produzidas no tecido social. Entretanto, a caminhada para tornar o ambiente acadêmico mais acolhedor, amistoso e produtor de saúde, ainda que dependa de questões estruturais, pode ser produzida pelos atores que atuam na instituição, quando se faz a crítica sobre o modo de produção contemporâneo e quando se busca construir relações e laços que promovam a sensação de pertencimento.

A universidade é lugar de construção de laços sociais, atravessados pelos discursos que nela circulam e que produz efeitos nas subjetividades dos que a compõem. A oferta de um espaço coletivo de fala/escuta proporciona um momento de circulação da palavra.

Por fim, é preciso a escuta para repolitizar o sofrimento, ou seja, acolher a dor de viver no mundo atual. Política também é afeto e as pessoas precisam ser (re)afetadas e (re)mobilizadas, pois quando nos aproximamos das pessoas e escutamos o sofrimento, percebemos o quanto as condições materiais – e a falta delas – nos afetam e, por vezes, fragilizam a participação nos movimentos coletivos, sejam eles de lutas ou até mesmo de lazer. Nesse sentido, precisamos avançar questionando o papel da universidade, nossa ação dentro do espaço acadêmico e a lógica da “competitividade [que] – tal qual a precariedade [...] constitui estratégia eficaz de desconstrução de laços sociais e solidariedade” (CORBANEZI; RASIA, 2020: 297). Dessa forma, práticas de promoção da saúde, de escuta, em espaços solidários e coletivos poderão representar frestas para pequenas e grandes mudanças, onde seja possível a constituição de laços de solidariedade no esgarçado tecido social.

Considerações Finais

Ao longo deste ensaio crítico-reflexivo, buscamos compreender algumas das raízes do mal-estar nas universidades contemporâneas, especialmente sob a influência do neoliberalismo, e descrever algumas das estratégias utilizadas para a promoção da saúde, em particular a saúde mental dos envolvidos nesse contexto. Observamos que, diante do avanço do neoliberalismo, as universidades têm sido cada vez mais pressionadas a se moldarem conforme uma lógica de mercado, transformando o conhecimento em mercadoria. Essa lógica mercantilista tem se revelado danosa, resultando em um ambiente acadêmico permeado por altos níveis de competitividade, precarização do trabalho docente e excessiva pressão por produtividade, que, por sua vez, têm impactos significativos na saúde mental dos membros da comunidade universitária. Tais reflexões nos permite indicar, metaforicamente, que, em alguns casos, a universidade mais se parece com uma “máquina de moer gente”, em que as condições opressivas e desumanizantes, presentes nas instituições de ensino superior, muitas vezes contribuem para o sofrimento psíquico de estudantes e docentes.

Sabemos que o sofrimento da existência não vai deixar de existir, porém precisamos compreendê-lo criticamente e de forma contextualizada, encontrando formas de amenizá-lo. Mesmo que cada um de nós experimente algum grau de ansiedade, cansaço e solidão, precisamos entender que estes têm sido fabricados pelo tipo de organização atual da sociedade, onde “a lamúria do indivíduo depressivo de que nada é possível só se torna possível numa sociedade que crê que nada é impossível” (HAN, 2017: 29).

Nesta perspectiva, os dispositivos grupais vão na contramão desta lógica, pois configuram-se como uma forma potente para a possibilidade de fazer laços e, diante do mal-estar, opor-se ao individualismo e criar novos modos de estar com os outros, de se reconhecer e se escutar mutuamente.

Apesar dos desafios enfrentados, vislumbramos possibilidades de reconstruir laços e promover uma universidade mais saudável e humanizada. É essencial repensar o modelo educacional vigente, valorizando não apenas a quantidade, mas também a qualidade do conhecimento produzido e a vivência acadêmica dos sujeitos. Nesse sentido, mencionamos algumas ações que visam a promoção do

bem-estar e da saúde mental, como a implementação de políticas institucionais de valorização do diálogo e da empatia nas relações acadêmicas, e a promoção de espaços coletivos de reflexão e acolhimento.

Em última análise, para enfrentar o mal-estar nas universidades e construir um ambiente acadêmico mais saudável e inclusivo, é fundamental uma abordagem crítica e transformadora, que reconheça as inter-relações entre as dimensões sociais, econômicas e emocionais do ensino superior e busque promover uma educação humanizadora. É preciso também que sejamos capazes de reprojeter nosso futuro em direção a uma sociedade mais solidária, que valorize a sustentabilidade, a equidade, a qualidade de vida e o decrescimento como possíveis e nos permita refletir sobre nossas próprias relações com a vida, com o trabalho, com o consumo, com a produtividade e com nossas definições de êxito, sucesso e felicidade.

Recebido em 15 de abril de 2024.

Aprovado em 30 de novembro de 2024.

Referências

- ACCENTURE. (Verbetes). In: *Wikipedia: a enciclopedia livre*. 29 ago. 2023.
- ALDO Rebelo vai direto ao ponto sobre a reindustrialização brasileira. 7 mar. 2023. 1 vídeo (10 min 15 s). Publicado pelo canal TV Pão com Ovo.
- ASSIS, Aisllan Diego et al. ABRACE: grupo de acolhimento e cuidado dos estudantes da UFOP. *Além dos Muros da Universidade*, 6 (1): 44-54, 2021.
- BENEITONE, Pablo. *Educação superior*. Buenos Aires, 2021.
- BRASIL sofreu desindustrialização nas últimas décadas, diz Alckmin. *Poder 360*, 18 jul. 2023.
- BRITO, Carol. No Vietnã, ministra Luciana Santos discute parceria em semicondutores. *Folha de Pernambuco*, 27 nov. 2023.
- CARVALHO, Sandro Sacchet de. Retrato dos rendimentos do trabalho: resultados da PNAD contínua do terceiro trimestre de 2023. *Carta de Conjuntura*, 15 dez. 2023.
- CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES. *Centrais querem dar um basta às milhares de demissões e à desindustrialização*. 13 jan. 2021.
- CORBANEZI, Elton; RASIA, José Miguel. Apresentação do dossiê: racionalidade neoliberal e processos de subjetivação contemporâneos. *Mediações: Revista de Ciências Sociais*, 25 (2): 287-301, 2020.

EDUCAÇÃO sem indústria gera fuga de cérebros. 19 jan. 2019. YouTube. vídeo (10 min 44 s). Publicado pelo canal Paulo Gala/Economia & Finanças.

FAGUNDEZ, Ingrid. Diploma inútil? Por que tantos brasileiros não conseguem trabalho em suas áreas. *BBC News*, 4 nov. 2016.

FERNÁNDEZ-SAVATER, Amador. Savater: politizar o mal-estar. *Outras Palavras*, 15 mar. 2024.

FRANÇA, Edson de. “Ouro de tolo” e a ilusão de ascensão social. *PB News*, 20 jan. 2022.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL. A pandemia e o declínio do Brasil na indústria mundial. *Carta IEDI*, edição 1097, 6 ago. 2021.

INSTITUTO SEMESP. *Mapa do ensino superior no Brasil 2023*. 13. ed. São Paulo: Instituto SEMESP, 2023.

INSTITUTO SEMESP. *Risco de apagão de professores no Brasil*. São Paulo: Instituto SEMESP, 2022.

LAZZARATO, Maurizio. *O governo do homem endividado*. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

LIMA, Bianca; GERBELLI, Luiz Guilherme. No Brasil, 40% dos jovens com ensino superior não têm emprego qualificado. *Portal G1*, 11 ago. 2020.

MAIA, Heribaldo. *O mal-estar nas universidades*. Recife: Ruptura Editorial, 2022.

MARR, Bernard. Futuro do trabalho: os diplomas tradicionais ainda valem a pena? *Forbes Brasil*, 14 fev. 2023.

MARTINS, Ânderson Barcelos. *Pensar a autolesão não suicida na perspectiva dos Estudos Culturais em Educação: lições sobre o corpo no tempo*. Dissertação de Mestrado, Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2023.

MAURENTE, Vanessa Soares. Neoliberalismo, ética e produtividade acadêmica: subjetivação e resistência em programas de pós-graduação brasileiros. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, 23, 2019.

MENDES, Diego. Veja as profissões mais bem remuneradas em 2023, segundo pesquisa. *CNN Brasil*, 23 out. 2023.

O GLOBO. Pobreza aumenta e atinge 40,1% dos argentinos no primeiro semestre. *O Globo*, 14 abr. 2024.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. *Pandemia de COVID-19 interrompe a educação de mais de 70% dos jovens*. 11 ago. 2020.

PORTO ALEGRE (Município). *Lei nº 12.944, de 30 de dezembro de 2021*.

RIBEIRO, Renato Janine. Quando um engenheiro trabalha como Uber, é preciso melhorar a economia e não fechar universidades. *Jornal da USP*, 17 ago. 2021.

SAHÃO, Fernanda Torres; KIENEN, Nádia. Adaptação e saúde mental do estudante universitário: revisão sistemática da literatura. *Psicologia Escolar e Educacional*, 25 (2): 1-13, 2021.

SANDEL, Michael J. *A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SANTOS, Emily. Enem 2023 retoma crescimento no número de participantes e registra 3,9 milhões de inscrições. *Portal G1*, 29 jun. 2023.

SANTOS, Brasdorico Merqueades dos; RATIER, Lucy Nunes. Saúde mental de estudantes universitários em tempos de restrição pandêmica. *Interações*, 24 (3): 817-828, 2023.

SCHEFFER, Mário et al. *Demografia médica no Brasil 2023*. São Paulo: FMUSP; AMB, 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *Vestibular UFRGS 2023: densidade*. 2023.

V PESQUISA nacional de perfil socioeconômico e cultural dos (as) graduandos (as) das IFES: 2018. Brasília: ANDIFES, 2019.

VIEIRA, Maura Jeisper Fernandes. *Uberização do trabalho docente: novos dilemas para velhos problemas*. Dissertação de Mestrado, Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.